

Democracia em construção Biblioteca de Recursos

Maleta Pedagógica

f i t i n amrs.pt



Poema *Grândola, Vila Morena* Uma Guia de Leitura e Interpretação

INTRODUÇÃO

O poema *Grândola, Vila Morena* deve ser abordado de modo dialógico, isto é, por via do estabelecimento de um diálogo entre o texto propriamente dito e os contextos que, por um lado, motivaram a sua produção, e por outro, sequente, determinaram a sua fortuna, associada ao modo como o poema foi e continua a ser recebido.

Nesse sentido, sugerem-se dois planos de análise:

- contextual, subdividido em ambiência inerente à sua produção e condições que configuram a sua receção.
- textual, baseada na exploração formal, dos recursos estilísticos e retóricos do poema e na sua afinidade com uma determinada tradição literária.

O CONTEXTO

O poema *Grândola, Vila Morena* tem como data de produção o mês de Maio de 1964.

Portugal vivia, então, sob um regime ditatorial intitulado Estado Novo. A polícia política detinha, torturava, assassinava. A Comissão de Censura proibia a circulação de obras. A Guerra Colonial, iniciada em 1961, acentuava sobremaneira a mortalidade. A população era pobre, pouco instruída, e vivia maioritariamente de actividades dos sectores primário e secundário. A taxa de analfabetismo era uma das mais elevadas da Europa.

A campanha do General Humberto Delgado, em 1958, constituiu-se como um acontecimento fundamental de contestação ao regime, sucedendo-se outras acções: o Assalto ao Santa Maria (1961), o Golpe Botelho Moniz (ou Abrilada de 1961), a Operação Vagô (1961), a ocupação de Goa, Diu e Damão pela União Indiana (1961), a Intentona do RI3 (Beja, 1961-1962), a crise académica de Lisboa (1962), o crescimento das lutas no seio do operariado.

É nesta conjuntura que surge um cantor que, influenciado pelo contexto em que começa a actuar de 1959 (quando abandona Coimbra) em diante, em colectividades e meios populares, publica um conjunto de composições em que substitui o fado, género a que antes se dedicara, pela balada, assinalando conscientemente uma posição de rejeição em relação ao conservadorismo formal e de conteúdo desse género, bem como a adopção de um termo que corresponderia aos anseios motivados pela situação política e social de Portugal. Com efeito, com *Menino do Bairro Negro* e



Os Vampiros, duas dessas baladas, José Afonso inicia um movimento baseado na associação entre canção e militância que em Portugal só encontrava correspondência quando, em 1946, Fernando Lopes-Graça musicara um conjunto de poemas de autores oposicionistas ao Estado Novo integrados no movimento cultural intitulado Neo-Realismo.

De um desses encontros, entre um autor que orientava cada vez mais a sua participação musical para ambientes de base popular e uma colectividade que se constituía como um núcleo de fraternidade e militância antifascista, nasce o poema-canção que ajudará a transformar Portugal numa democracia: *Grândola, Vila Morena*.

Em 17 de Maio de 1964, José Afonso actua na Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense, a convite de Hélder Costa - encenador que José Afonso conhecia de Coimbra -, ulteriormente formalizado por José da Conceição.

Como José Afonso reconhecerá, o convite endereçado para participar numa sessão no âmbito do 52.º aniversário da Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense não se constituía um acto isolado senão uma das várias acções culturais que a colectividade, composta por biblioteca (fundada no início do decénio cinquenta por um grupo de jovens grandolenses associados ao MUD Juvenil intitulado «Os Amigos da Cultura»), um grupo de teatro, uma banda filarmónica (com crescente actividade itinerante desde 1950) e uma escola de música promovia no quadro da oposição ao regime: em 1952, acolhera reuniões e iniciativas do grupo grandolense do MUDJ – Movimento Juvenil de Unidade Democrática; em 1963, sob direcção de António Manuel (irmão de José da Conceição afecto ao Partido Comunista que fora anos antes detido pela GNR devido à distribuição de comunicados com mensagens do Conselho Mundial da Paz, no seio do MUDJ), executara iniciativas com preeminentes figuras da oposição, nomeadamente Antunes da Silva (12 de Maio de 1963), Fernando Lopes-Graça, dirigindo o Coro da Academia de Amadores de Música de Lisboa (26 de Maio de 1963), e Romeu Correia (31 de Maio de 1963); de 1964 em diante, José da Conceição, assim como os restantes elementos identificados na nova direcção da colectividade, dando continuidade ao trabalho desenvolvido pelos predecessores, promovem acções em que participam, entre outros, Alves Redol e Rogério Paulo.

Impressionado com o espírito fraterno e democrático que encontra, José Afonso, escreve a primeira versão do poema dedicado a Grândola:

Grândola vila morena
Terra da Fraternidade
O Povo é quem mais ordena
Dentro de ti ó cidade

Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola vila morena
Terra da fraternidade

Capital da cortesia
Não se teme de oferecer
Quem for a Grândola um dia
Muita coisa há-de trazer.



Em 1966, a editora Nova Realidade publica um livro de poemas, com o título *Cantares de José Afonso*, em que consta a segunda versão do poema *Grândola, Vila Morena*, reduzido agora às duas primeiras quadras, com a supressão daquela que definia Grândola como *Capital da cortesia*:

Grândola vila morena
Terra da Fraternidade
O Povo é quem mais ordena
Dentro de ti ó cidade

Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola vila morena
Terra da fraternidade

Em Dezembro de 1970, é editado o livro *Cantar de Novo*, em que surge a terceira versão do poema *Grândola, Vila Morena*, que inclui uma nova terceira quadra, em substituição da que era iniciada por *Capital da cortesia*.

À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade

O poema, então com três quadras,

Grândola vila morena
Terra da Fraternidade
O Povo é quem mais ordena
Dentro de ti ó cidade

Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola vila morena
Terra da fraternidade

À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade

foi gravado em França, entre Outubro e Novembro de 1971, no disco *Cantigas do Maio* — que marca a estreia de José Mário Branco na direção musical e orquestração de trabalhos de José Afonso —, com seis quadras, em resultado da repetição de cada quadra por ordem inversa dos versos sugerida por José Mário Branco.



Grândola, vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade

Dentro de ti, ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola, vila morena

Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola, vila morena
Terra da fraternidade

Terra da fraternidade
Grândola, vila morena
Em cada rosto igualdade
O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade

Grândola a tua vontade
Jurei ter por companheira
À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade

A estrutura coral, tradicional do cante alentejano, que o poema adquire para se transformar em canção, com recurso exclusivo a instrumentos humanos — passos e vozes (ponto, solista inicial; alto, introdutor de uma segunda voz, mais aguda; e do coro masculino grave) —, radica numa imagem que José Mário Branco preservara de Peroguarda, *dos homens abraçados, regressando da monda ao fim da tarde, cantando no regresso a casa* (como o próprio declarou em testemunho escrito concedido ao município de Grândola, em 2018).

Em 29 de março de 1974, a Casa da Imprensa promove o I Encontro da Canção Portuguesa no Coliseu dos Recreios, em Lisboa. O encontro termina após a atuação de José Afonso, proibido de interpretar uma série de outros temas que a organização tivera de sujeitar à censura prévia, com as cinco mil pessoas presentes a entoarem em coro a canção *Grândola, Vila Morena*, momento que terá igualmente contribuído para determinar a escolha deste poema-canção como senha do 25 de Abril.

Nos primeiros minutos do dia 25 de Abril de 1974, os ouvintes do programa Limite, da Rádio Renascença, escutam a primeira quadra do poema Grândola, Vila Morena. Em seguida, o som inconfundível de passos e da voz de José Afonso enche a noite, dando sinal para a saída dos quartéis das tropas que iniciam o derrube da ditadura. José Afonso, que ficara em casa de um



amigo, Mário Reis, enquanto agentes da PIDE tinham procurado prendê-lo perto da pequena casa que comprara em Grândola e dois outros agentes montavam guarda quase permanente à sua casa em Setúbal, tentando fechar o cerco sobre o cantor, só mais tarde saberá que, tal como Grândola, Vila Morena, ficara para sempre ligado ao movimento que devolveu a liberdade a Portugal.

Grândola, Vila Morena não era, porém, a primeira escolha.

Em 23 de Abril de 1974, Álvaro Guerra, instruído por Almada Contreiras, encontra-se com Carlos Albino, a quem pede a transmissão da canção *Venham mais Cinco* no Programa Limite de 25 de Abril. Carlos Albino informa-o de que a canção, tolerada pela censura oficial, estava proibida pela censura interna da Rádio Renascença, sugerindo-lhe alternativas, entre as quais *Grândola, Vila Morena*.

Em 24 de Abril, Álvaro Guerra, instruído por Almada Contreiras, comunica a Carlos Albino a escolha definitiva: *Grândola Vila Morena*. Carlos Albino garante a transmissão, sem que qualquer outro elemento do programa conhecesse a decisão.

O TEXTO

Grândola, vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade

Dentro de ti, ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola, vila morena

Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola, vila morena
Terra da fraternidade

Terra da fraternidade
Grândola, vila morena
Em cada rosto igualdade
O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade

Grândola a tua vontade
Jurei ter por companheira
À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade



Do ponto de vista formal, o poema *Grândola, Vila Morena*, na sua última versão, acima reproduzida, divide-se em seis quadras.

Quando ao esquema rimático, é o seguinte: ABAB-BABA-CBAB-BABA-DBDB-BDDDB.

Assim, embora predominem as rimas cruzadas (ABAB-BABA-DBDB), não só o último verso de cada quadra se emparelha, com uma excepção, com o primeiro da que lhe sucede, como o poema contém rimas interpoladas (em bê: BDDDB) e rimas emparelhadas (em dê: BDDDB).

Esta variedade rítmica, atribuindo ao poema complexidade formal, não o retira do espectro da aparente simplicidade que o caracteriza, uma vez que mesmo as rimas que se classificam como distintas têm assonâncias e aliterações, isto é, repetições de sons vocálicos e consonânticos: nas vogais, sucedem-se <i>, <a>, <e>; nas consoantes, <r>, <d>, <n> (érre, dê, éne: sons propínquos).

Com efeito, a estrutura parece estabelecer-se como a simples soma de versos no limite de uma quadra, forma de ordem popular utilizada avisadamente para a composição de um poema que promove a soberania popular — *o povo é quem mais ordena*.

Neste sentido, o poema *Grândola, Vila Morena* oscila entre a simplicidade, facilitando a sua apropriação e utilização — o tempo confirmá-lo-ia, transformando esta numa das canções com mais versões em todo o mundo —, e a veiculação de um conjunto de valores e princípios que a sonoridade, aliada à determinação de um destinatário fixo que não atribuiria presumivelmente ao texto um sentido universal, mascara, permitindo que o poema não fosse, ao contrário de muitos outros do mesmo autor, proibido de ser publicamente apresentado.

Entre esses princípios, há os que se explanam de modo evidente, a fraternidade, o poder popular, a igualdade, a amizade, o companheirismo, e um outro particularmente relevante, manente na tonalidade que reveste o poema: na tradição literária, a palavra *morena* identifica-se com a escravatura, o trabalho pesado, agrícola ou industrial (não é acaso que *morena* seja regionalismo para, por um lado a mistura de limalha de ferro e pó de carvão que se consigna à forjas, e por outro o próprio carvão usado para curar feridas que a tosquia faça ao corpo das ovelhas), e, por inferência, a dor; neste poema há, senão uma *ressignificação*, uma valorização dessa tonalidade que nomeia a vila à qual o poema é dedicado, correlacionando-se, numa atitude poética que propende para a consumação de uma nova ordem de significação, o que é *moreno* com uma terra de fraternidade e um o rosto de igualdade.

Observe-se, outrossim, como se concatenam, no mesmo espaço, vila, terra e cidade, mediante o emprego de uma figura de estilo intitulada gradação, na variante ascendente, que consiste na seriação de palavras e ideias cujo sentido é cada vez mais intenso, buscando uma orientação positiva e globalizante: deste modo (veja-se a primeira quadra do poema), a palavra *vila* indetermina-se como uma *terra* que por ação do substantivo *povo* ascenderá a *cidade*.

Nessa ascensão, o poema que parecera ter um semblante restritivo, localizado numa toponímia específica, alarga-se, indefinindo-se, por via projecto político expresso que a converte num não-lugar, universalizante.



Com efeito, o poema *Grândola, Vila Morena* encontra, no seio da poesia de José Afonso, uma produção análoga que lhe prolonga o sentido: o poema *Utopia*, em que se evoca uma cidade sem muros nem ameias com gente igual por fora e por dentro, uma capital da alegria, com palavras fortes e justas, onde cada uma toma o fruto da terra; como não encontrar, ecoando, nesta cidade sem muros nem ameias a outra em que é o povo quem mais ordena, ou na gente igual por fora e por dentro o em cada rosto igualdade, ou na capital da alegria a capital da cortesia que primordialmente figurava no poema *Grândola, Vila Morena*?

Não obstante o valor dialógico assinalado, o poema *Grândola, Vila Morena* integra e desvia-se por si só de uma tradição literária específica, no que ao sentido concerne: convocando, sob a imagem da sombra de uma azinheira, um quadro, senão idílico, aprazível (o *locus amoenus*), o texto desenvolve brevemente o louvor, não de de alguém, mas de uma localidade, aproximando-se do sentido écloga; porém, se na écloga clássica, a política e a religiosidade comparece com valor ornamental, aqui o projecto político atravessa o texto, impondo-se estruturalmente, fazendo com que a libertação não seja espiritual, mas social, e que a renúncia que a écloga prenuncia em relação bens terrenos e sociais se converta em afirmação, declaração de tomada de posse.